

Banda Treml e duo Krüger e Vogelsanger: identidades germânicas e não-germânicas no repertório de álbuns de bandas do Norte/Nordeste Catarinense nos anos 1960

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

SUBÁREA: SA-4. Música Popular

Giovanni de Sousa Vellozo
PPGMUS/UDESC
giovannivelozzo1999@gmail.com

Resumo. A Banda Treml e o duo Krüger e Vogelsanger são dois grupos musicais do Norte/Nordeste Catarinense, historicamente relacionados com práticas musicais comunitárias de imigrantes germânicos em São Bento do Sul (SC) e Joinville (SC), respectivamente. Ambos os grupos tiveram em comum a atividade discográfica em sua região, como ação pioneira, a partir do registro em LPs em gravadoras nacionais ao longo da década de 1960. Nesse sentido, a comunicação tem por objetivo discutir, após um breve histórico dos grupos, o panorama de gêneros musicais que constam no repertório gravado em seus LPs no recorte temporal apresentado. Usou-se uma perspectiva metodológica de análise documental, em articulação ao desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado voltada a investigação sobre os referenciais identitários germânicos e não-germânicos em registros fonográficos de bandas do Sul do Brasil. A análise apresenta considerações sobre a pluralidade de gêneros musicais nas discografias, associando essas escolhas às condições de gravação no período e às atividades dos conjuntos. Assim, o trabalho possibilita perceber características próprias desta manifestação musical em sua relação com o segmento fonográfico regional e também através da discussão discursiva do repertório associada a tradição imigrante local.

Palavras-chave. Música Regional. Música Catarinense. Mercado Fonográfico.

Banda Treml and duo Krüger and Vogelsanger: Germanic and non-Germanic identities in albums by bands from the North/Northeast of Santa Catarina in the 1960s

Abstract Banda Treml and duo Krüger and Vogelsanger are two musical groups from the North/Northeast of Santa Catarina, historically related to community musical practices of Germanic immigrants in São Bento do Sul (SC) and Joinville (SC), respectively. Both groups had in common the recording activity in their region, as a pioneering action, from the recording on LPs in national record companies throughout the 1960s. In this sense, the communication aims to discuss, after a brief history of the groups, the panorama of musical genres that appear in the repertoire recorded on their LPs in the time frame presented. A methodological perspective of document analysis was used, in conjunction with the development of a master's research aimed at investigating the Germanic and non-Germanic identity references in phonographic records of bands from the South of Brazil. The analysis presents considerations about the plurality of musical genres in the discographies, associating these choices to the recording conditions in the period and the activities of the groups. Thus, the work makes it possible to perceive specific characteristics of this musical manifestation in its relationship with the regional phonographic segment and also through the discursive discussion of the repertoire associated with the local immigrant tradition.

Keywords. Regional Music. Music from Santa Catarina. Phonographic Market.

Introdução

Na segunda metade do século XX, ocorreu a consolidação de um novo nicho do mercado fonográfico com artistas e público no interior do Sul do Brasil (STAMBOROSKI JR., 2011), inserido no processo de modernização econômica conservadora e expansão do mercado de bens culturais (ORTIZ, 1988). Trata-se aqui da música das Bandas, conjuntos associados com práticas musicais em áreas de majoritária descendência de imigrantes germânicos. Desde o século XIX, sob a lógica do associativismo como a das chamadas *Vereine* – termo comumente traduzido como sociedade – associações de canto (*Gesangvereine*) e de música instrumental (*Musikvereine*, ou *Musikkapellen*) passaram a ser estabelecidas nessas colônias (ROSSBACH, 2008). Tais grupos participavam de atividades comunitárias variadas, como festas de igreja e escola, apresentação pública em retretas, animação de bailes e confraternizações entre várias sociedades (OLIVEIRA NETO, 2014).

Gravações de grupos instrumentais como esses remontam pelo menos ao início do século XX, a partir da experiência da Casa A Elétrica – Discos Gaúcho, em Porto Alegre (SANTOS, 2011), onde conjuntos de metais como o Grupo Cahyense e o Grupo Hamburguez produziram seus primeiros compactos. Contudo, como a atividade desta gravadora foi efêmera (de 1913 e 1924) e não teve continuidade imediata com outros estúdios na região, não é possível falar em uma sistemática consolidação desse nicho musical. Leve-se também em conta que entre os anos 1930 e 1940 a chamada Campanha de Nacionalização promovida pelo governo Vargas como um fator proibitivo para a prática de boa parte das manifestações culturais de origem germânica (SILVA, 2004).

Após o fim da Campanha, é notável que, juntamente com a reativação das sociedades e atividades culturais outrora proibidas, consolida-se uma concepção de identidade germânica que enfatizava a integração do ente germânico ao contexto socioeconômico do país. A germanidade, sob essa perspectiva, seria uma espécie de amálgama de descendentes de vários grupos etnicamente germânicos de áreas centro-europeias distintas, que com seu pioneirismo e labor auxiliavam no progresso brasileiro (SEYFERTH, 1990). Uma “tradição” germânica passa então a ser motivo por um lado de celebração do passado dos primeiros colonos e de esquecimento do período repressivo, em contextos como os de aniversário das colônias (SILVA, 2004). Mais intensivamente nas últimas décadas do século XX, há também a consolidação de uma economia turística relacionada com as festas de comunidades germânicas, em que essa tradição germânica é posta como uma “redescoberta’ ou retorno às origens”

(FLORES, 1997, p. 36), expressas em slogans como a ideia de “Alemanha sem Passaporte” e em debates em torno de uma “autenticidade” na performatividade artística (WERLING, 2016).

É também na segunda metade do século XX que dois grupos de comunidades germânicas da região Norte/Nordeste de Santa Catarina serão casos exemplares de gravações em disco nos anos 1960: a Banda Treml e o duo Krüger e Vogelsanger. Tais grupos foram escolhidos como o caso desta pesquisa por três fatores principais. O primeiro é o fator geográfico, pois ambos estão em cidades da mesma região de Santa Catarina – o Norte/Nordeste catarinense. Em segundo lugar, o aspecto temporal das gravações na década, em um período entre 1961 e 1968. E em terceiro lugar, a questão da relação com o mercado fonográfico a partir da entrada no *cast* de gravadoras voltadas aos mercados regionais – isto é, na terminologia de Vicente e De Marchi (2014, p. 18), aquelas gravadoras com “artistas associados a um público formado pelas populações do meio rural e das periferias urbanas, [...] como RGE, Rozemblit, Copacabana, Continental e Chantecler”.

Nesta pesquisa, resultante de um curso de mestrado em andamento, busca-se compreender como se deu a articulação de referenciais identitários germânicos e não-germânicos na obra fonográfica dos conjuntos. Para tanto, pensa-se aqui o conceito de identidade não como um ente fixo, essencial ou restrito a tradições, mas enquanto uma categoria em contínua e irrevogável “tradução” (HALL, 2006, p. 88-9), a partir da negociação entre processos culturais outrora separados que se relacionam para além do território de origem (CANCLINI, 2008).

Para perceber essas relações, o corpus principal da análise consistiu no universo de onze álbuns lançados pelos grupos – cinco pela Banda Treml, seis pelo duo Krüger e Vogelsanger –, entendendo-os como uma fonte na qual texto e som se orientam em um eixo temático (GARCIA, 2021) em “um produto que reunia canções, imagens e palavras sob uma identidade comum” (DANTAS, 2005, 6-7). Cronologicamente, eles estão dispostos da forma a seguir ao longo da década de 1960 (Figura 1, sem proporção temporal exata).

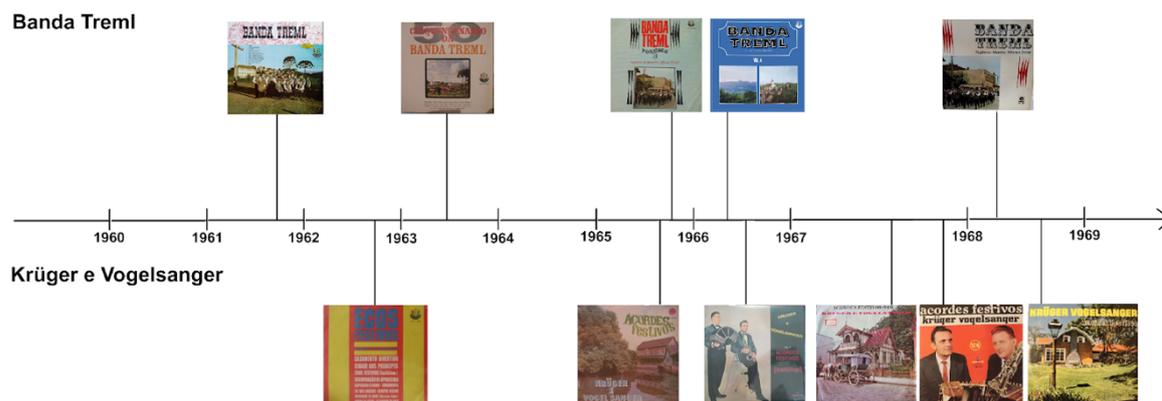


Figura 1 – Álbuns da Banda Tremi e do duo Krüger e Vogelsanger analisados nesta comunicação

Fonte: conjunto documental resultante do levantamento da pesquisa de mestrado em curso do autor.

A partir dos discos, foi feita uma análise documental que buscou correlacionar as músicas gravadas pelos grupos aos encartes. Para esta comunicação em específico, a análise feita foi em específico em relação à parte das peças gravadas, se trabalhando em duas frentes. Primeiro, o de compreender qual era o histórico dos grupos e, decorrente disso, quais as condições e as escolhas quando da gravação desses discos, levando em conta relatos escritos por envolvidos nas gravações e pesquisadores locais, atas de reunião e matérias de jornal. Segundo, o de trabalhar com os gêneros musicais, enquanto “esferas onde há tipos relativamente estáveis de músicas do ponto de vista do conteúdo temático, do estilo e da estrutura composicional” (PIEIDADE, 1997, p. 53). Aqui, contudo, não se pretende trabalhá-los em uma perspectiva de análise musical na composição das peças, e sim como eles foram denotados pelo disco ou descritos em partituras adjacentes do período, a fim de perceber com que referenciais os grupos estavam se relacionando ao compor seu repertório.

Na mesma toada, a comunicação está dividida em duas partes. A primeira consistirá em uma breve apresentação dos dois grupos antes, durante e depois do período da gravação, a fim de contextualizar os artistas que produziram os objetos da pesquisa. A segunda parte será mais analítica em relação especificamente aos repertórios apresentados nos álbuns, trazendo o panorama de gêneros musicais gravados pelos grupos e discutindo como essas escolhas se relacionaram com as condições de gravação, considerando elementos como a relação com o mercado fonográfico, formação de músicos nas gravações e a rotina de atividades dos grupos no período. Após essas partes, haverá uma breve última seção para considerações finais.

Histórico dos grupos

Apesar das notáveis correlações descritas na Introdução que levaram à escolha dos grupos enquanto casos a serem estudados, a Banda Treml e o duo Krüger e Vogelsanger também trazem em sua história e estrutura características particulares e diferenciadas entre si. A mais evidente é a relativa aos membros: enquanto a Banda Treml tinha 27 músicos nas gravações da década de 1960, entre naipes de metais e percussão, o duo Krüger e Vogelsanger era, como se depreende do nome, composto por dois músicos – Arinor Vogelsanger, bandoneonista; e Hermes Krüger, saxofonista. Mas para além da formação, ambos os grupos tiveram trajetórias historicamente distintas, e os próximos parágrafos darão conta de descrever, brevemente, como se deu essa trajetória desde as origens, passando pela relação com o mercado fonográfico, até o período posterior à década de 1960.

Começando pela Banda Treml, trata-se de um conjunto que está diretamente associado à prática das já citadas *Musik-Kapellen* em São Bento do Sul (SC). Apresentações de conjuntos instrumentais na cidade datam pelo menos desde 1876, na celebração do primeiro casamento na cidade (KORMANN, 1990). Na primeira década do século XX, um desses grupos era a *Kapelle* ou Banda Zipperer, que tinha esse nome devido ao nome do seu maestro, Jorge Zipperer. Em 1913, Jorge se retirou de São Bento do Sul (SC) para trabalhar na cidade vizinha de Rio Negrinho (SC), e dos remanescentes do grupo, surgiu a Banda Treml, regida por João Treml, um alfaiate e oleiro, junto a 16 músicos amadores (HENKELS, 2005).

Esse tipo de formação seria comum para a Banda ao longo das próximas décadas, com o grupo atuando em bailes e festas locais e retretas em praça pública (OLIVEIRA NETO, 2014). Durante o período da Campanha de Nacionalização, a Banda Treml prosseguiu suas atividades, com um redirecionamento de atividades cívicas, com partituras reescritas com termos em português, e repertórios e celebrações “nacionais” foram enfatizados, como no caso da marcha no dia da vitória dos Aliados em 1945 (OLIVEIRA NETO, 2014). Por volta desse período também, o comando da banda havia sido passado para o filho de João Treml, Afonso Treml, popularmente conhecido como Xerife.

O período do Xerife iria até a sua morte em 1980, e seria marcado por uma nova etapa de circularidade das atividades do grupo. Destaca-se a participação da Banda Treml em eventos para além da sua região, com apresentações registradas no Paraná, no Rio de Janeiro e São Paulo. Também sob a batuta do Xerife o grupo começa o seu contato com o estúdio, inicialmente o de rádio na cidade vizinha de Rio Negrinho no final dos anos 1950, para então iniciar seus preparativos para a gravação a partir de 1960 (FENDRICH, 2021). Ao todo, o grupo

gravou quatro LPs entre 1961 e 1965, e teve cinco discos lançados – um deles foi uma compilação de músicas de discos anteriores, disponibilizada no mercado em 1968 –, todos eles em contrato com a gravadora paulista RGE. Após a década de 1960, a Banda Tremel continuaria as suas atividades discográficas de maneira mais esparsa, lançando mais cinco álbuns por gravadoras distintas ao longo de quatro décadas. O conjunto existe até os dias de hoje, atuando majoritariamente em sua cidade natal e ensaiando na mesma Sociedade de Atiradores com a qual teve importante relação ao longo do século XX.

Quanto ao duo Krüger e Vogelsanger, este consiste numa parceria entre dois músicos joinvilenses iniciada em fins dos anos 1950. Hermes Krüger, o saxofonista, era membro de uma família ligada às atividades musicais e atuante pelo menos entre as décadas de 1940 e 1950, com registro de apresentação do grupo durante as comemorações do Centenário de Joinville (RELEMBRANDO..., 1981). Arinor Vogelsanger, por sua vez, era de família ligada a atividades empresariais no ramo de serraria desde a década de 1870, e teve seu interesse despertado pela música a partir da prática do bandoneon por seu pai em eventos familiares. Ambos se conheceram durante o circuito de bailes e apresentações comunitárias na região de Joinville (SC); contudo, a dupla só seria firmada a partir de 1959, quando Vogelsanger substituiu Waldemar Krüger, irmão de Hermes que tocava bandoneon junto a este último em um programa semanal na Rádio Difusora de Joinville chamado “Relembrando” (VOGELSANGER, 2004).

Atuantes por aproximadamente sete anos no meio radiofônico, Krüger e Vogelsanger acabaram conseguindo uma oportunidade de gravação em 1962, a partir do contato em uma apresentação em Joinville (SC) com o acordeonista Mário Zan radicado em São Paulo (ÉCOS FESTIVOS, 1962). O resultado dessa mediação foi o disco Écos Festivos, gravado em São Paulo e lançado pela RGE. Entre 1967 e 1968, após sair da atuação no rádio, o duo acabou se dissolvendo, após a saída de Arinor Vogelsanger do meio musical para se dedicar a atividades religiosas, familiares, empresariais e inclusive políticas, chegando a ser prefeito interino de Joinville (SC) em 2000 (VOGELSANGER, 2004). O bandoneonista faleceria no ano de 2005. Já Hermes Krüger continuou a atuar no meio artístico, compondo um novo grupo com parentes e colegas músicos chamado Krüger e Seu Conjunto, cujo primeiro LP foi lançado em 1970, pela Chantecler (KRÜGER..., 1970). Hermes continuou atuante no meio discográfico com seu novo grupo ao longo da década de 1970, gravando, ao todo, cinco álbuns. Após a dissolução das atividades entre os anos 1980 e 1990, o saxofonista viria a falecer em 1999.

Um repertório plural

Durante a década de 1960, os dois grupos juntos gravaram ao todo 120 fonogramas, sendo 48 da Banda Treml (não contando a repetição de faixas no quinto disco) e 72 do duo Krüger e Vogelsanger. Em quase todos os discos – a exceção sendo os últimos dois lançados pelo duo, para os quais se recorreu a partituras do período cedidas pelo pesquisador Guilherme Bächtold – a nomenclatura dos gêneros musicais tocados pelos grupos esteve expressa no encarte, material a partir do qual foi feito o levantamento a seguir.

Começando pela Banda Treml, o gênero mais tocado é o da polca, com 39,6% de todo o repertório, ou 19 músicas – predominância explicada também pelo fato do grupo ter produzido um LP de doze faixas totalmente do gênero em seu segundo álbum. As polcas são seguidas pelas valsas (18,8%, nove faixas), e pelas músicas classificadas como “canções”, peças cantadas em dialeto bávaro pelos irmãos Afonso e Ervino Treml nos Volumes 3 e 4 da Banda (12,5%, seis faixas). Marchas vem em seguida e configuram ao todo 8,3% (quatro faixas). Finalizam o levantamento mazurcas, xotes, maxixes (4,2% e duas faixas cada), chá-chá-chá, dobrado e polca-mazurca (2,1% e duas faixas cada).

Já o duo Krüger e Vogelsanger teve como principal gênero gravado a valsa, responsável por 20,8% (15 faixas). Em segundo lugar, vêm empatados as marchas e o tango, com 9,7% (sete faixas). Completam a lista dobrados e xotes (8,3% e seis faixas cada), seguidos por polcas e rancheiras (6,9% e quatro faixas cada), três foxtrotos (4,2%), dois maxixes, duas marchas-rancho, dois boleros, dois baiões (2,8% cada), um chá-chá-chá, um choro e um Ländler (1,4% cada). Devido ao fato de algumas músicas dos últimos dois discos não terem partituras com marcações de gêneros disponíveis, sete das faixas ficaram sem categorização, configurando, portanto, 9,7%.

Antes da análise, é necessário levar em consideração algumas nuances e limitações da análise. Em alguns casos, o que está expresso no disco não corresponde à terminologia descrita nas partituras usadas pelos grupos à época. Isso aconteceu em músicas do primeiro disco do duo, como em “Sempre Assim”, que é descrita no disco como maxixe e na partitura como baião. Da mesma forma, é notável que alguns dos nomes de gênero podem servir para descrever articulações musicais distintas no repertório. O caso exemplar é o do xote (por vezes grafado como *Schottish*, *chotich* ou *xótis*), que pode remeter tanto a uma dança de origem centro-europeia – provável caso das músicas vinculadas a esse gênero gravadas pela Banda Treml com subtítulo em alemão – quanto aos gêneros desenvolvidos no Brasil a partir desta dança (KIEFER, 1979), caso do xote gaúcho ao que o duo Krüger e Vogelsanger remeteu na faixa

“Eu Sou Gaúcho”, de coautoria de Mário Zan, regravada na estreia dos joinvilenses. Outro caso particular é o do *Ländler*, que na discografia do duo é tratado como gênero musical e na da Banda, como associado a outros gêneros (polca e valsa).

Feitas as ressalvas, é possível traçar algumas considerações gerais. Primeiro, há uma intersecção considerável de gêneros entre os dois grupos, com sete de dezesseis estando em comum. Ao todo, o duo apresenta quantitativamente um maior ecletismo, com treze gêneros contra dez executados pela Banda. À exceção das peças cantadas da Banda Treml, os demais gêneros listados são associados ou a danças – incluindo-se aqui os dois mais executados em cada caso (polca e valsa) – ou a músicas marciais – especificamente as marchas e dobrados.

Essa preferência por músicas dançantes, além de uma provável estratégia comercial, também reflete em boa parte o contexto de apresentações local de ambos os grupos, atuando em bailes e festas onde os conjuntos tinham o “dever de se fazer dançar” (STAMBOROSKI JR., 2011, p. 22). Já o aspecto marcial pode ser relacionado à presença de atividades cívicas e militares com as quais os grupos se associaram. No caso da Banda Treml, além da sua formação guardar semelhança com um conjunto de metais militar, houve a sua já citada atividade cívica na cidade natal datada pelo menos desde o período da Campanha de Nacionalização (OLIVEIRA NETO, 2014). No caso do duo, havia uma relação próxima ao contexto de músicos militares, com Arinor Vogelsanger compondo inclusive uma música para o segundo disco do duo com o nome do maestro da banda do 62º Batalhão em Joinville (SC), Alexandre Barone, após este ter auxiliado em arranjos musicais (VOGELSANGER, 2004).

Focando na questão dos referenciais musicais germânicos e não-germânicos, tem-se que, ainda que os gêneros dominantes na discografia de ambos os grupos se relacionem com uma prática de origem imigrante – polcas e valsas –, houve uma permeabilidade de gêneros alheios a uma origem germânica nos discos. Isso se deu, contudo, de modo bastante diferente para cada conjunto. No caso da Banda Treml, por exemplo, as nomenclaturas de gêneros que indubitavelmente fogem deste paradigma germânico tiveram uma participação discográfica mais reduzida, com a gravação de dois maxixes, um chá-chá-chá e um dobrado, todos espalhados por três discos distintos. Já no caso do duo Krüger e Vogelsanger, essa articulação de gêneros foi consideravelmente mais presente, com presença forte do tango – possivelmente explicada pela formação do conjunto com bandoneon, dada a relevância histórica do instrumento no gênero (MASELLA LOPES, 2015) – e com gêneros como dobrado, rancheira, foxtrot, maxixe, baião e bolero tendo cada um mais de uma peça gravada. A formação presente nos fonogramas do duo também acentuou essa relação entre o germânico e o não-germânico,

havendo nos LPs a presença de um conjunto de apoio com formação de Regional, contando com violão, cavaquinho e percussão.

Essa relação entre gêneros também pode ser pensada a partir da relação estabelecida entre os grupos e o segmento de gravadoras que exploraram nichos de mercados regionais no Brasil, para usar a já citada descrição de Vicente e De Marchi (2014). A articulação no repertório dos conjuntos catarinenses, por exemplo, é contemporânea e em certa medida análoga ao processo de incorporação de gêneros musicais latino-americanos na consolidação do filão sertanejo das décadas de 1950 e 1960, gerador de tensões em torno de músicas vistas como arcaicas e modernas, com prevalência comercial da perspectiva mais cosmopolita (HIGA, 2020; ALONSO, 2011). No nicho fonográfico das bandas, essa negociação entre gêneros e identidades externas no mercado de discos prosseguiria para além dessas décadas, com o uso de instrumentos elétricos nos grupos – caso de Krüger e seu Conjunto, que Hermes Krüger formou após a dissolução do duo – e de outros gêneros presentes em paradas de sucesso nacionais e internacionais (STAMBOROSKI, 2011).

Considerações finais

Para além dessa questão do segmento fonográfico regional, é importante colocar que a expansão da indústria fonográfica no Brasil também intensifica a presença de conglomerados fonográficos estrangeiros (TOSTA DIAS, 2000) e, conseqüentemente, de fluxos musicais externos mediados por suportes midiáticos como fonogramas, rádio, filmes. Tais fluxos podem ser pensados não só para os gêneros musicais externos ao país, mas também para os já consolidados no mercado fonográfico brasileiro em décadas anteriores, como o maxixe e o baião; e também para as próprias músicas de gêneros associados a uma origem germânica dos imigrantes. No caso exemplar do disco Cinquentenário da Banda Treml (1963) que é constituído apenas por polcas, foi verificado que pelo menos 11 das 12 faixas remetem não a peças tocadas pelas primeiras gerações de imigrantes ou mesmo de autores do Norte/Nordeste Catarinense, mas sim a gravações de conjuntos e artistas europeus como Die Fidelen Inntaler, Die Original Egerländ Musikanten e Will Glahé, compostas e difundidas nas décadas logo anteriores. Nesse sentido, a despeito de um discurso reiterado nos encartes que coloca enquanto um contínuo temporal a música gravada pelo conjunto com a feita pelos “pioneiros” imigrantes germânicos (VELLOZO, 2021), o que se nota é uma música lida como germânica pelos grupos que incorpora manifestações culturais de tempos históricos e origens geográficas distintas, com ênfase na mediação do disco.



Fora dessa mediação, contudo, há outras evidências que demonstram que essa negociação com gêneros musicais e fonogramas externos facilmente se estendia à prática ao vivo destes grupos. Partituras de Arinor Vogelsanger, por exemplo, continham ainda mais menções a gêneros musicais tocados em apresentações do duo, como *twist*, calipso e mambo, bem como traziam composições vindas da era de festivais daquele período no país. Já a Banda Treml também tem registros de apresentações públicas em São Bento do Sul (SC) tocando músicas do cancionário popular brasileiro como “Aquarela Brasileira” (presente em um programa de apresentações da Banda exposto em Museu na cidade natal do grupo) e “Luar do Sertão” (VALIOSA..., 1962).

Com essas informações, torna-se claro que a identidade musical construída a partir de negociações entre os referenciais germânicos e não-germânicos era uma toada comum também ao apresentado *in loco* pelos músicos. Entender como ela se traduziu nos fonogramas, no entanto, aponta caminhos para uma compreensão do que foi o nicho fonográfico das bandas, tanto enquanto uma relevante manifestação discográfica pertencente ao segmento regional brasileiro, quanto também na sua especificidade. Denota, por fim, que essa manifestação musical remete a um só tempo às manifestações comunitárias que as originaram e à circularidade de músicas ao longo das décadas de atuação, rejeitando, desde o período das primeiras gravações desses conjuntos, a noção de práticas paradas no tempo e isoladas da mediação musical via música gravada.

Referências

ACORDES FESTIVOS VOLUME 1. Krüger e Vogelsanger. LP. São Paulo: Chantecler, 1965.

ACORDES FESTIVOS VOLUME 2. Krüger e Vogelsanger. LP. São Paulo: Chantecler, 1966.

ACORDES FESTIVOS VOLUME 3. Krüger e Vogelsanger. LP. São Paulo: Chantecler, 1967.

ACORDES FESTIVOS VOLUME 4. Krüger e Vogelsanger. LP. São Paulo: Chantecler, 1967.

ACORDES FESTIVOS VOLUME 5. Krüger e Vogelsanger. LP. São Paulo: Chantecler, 1968.

ALONSO, Gustavo. *Cowboys do asfalto: Música sertaneja e modernização brasileira*. 528 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal



Fluminense, Niterói., 2011. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2011_Gustavo_Alonso.pdf. Acesso em 05 nov. 2021.

ARAÚJO, Samuel et al. Marchas rancho: uma análise etnomusicológica fonográfica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - ANPPOM, XVI, 2006, Brasília. *Anais...* Brasília, 2006, p. 1-4. Disponível em: https://www.anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/02_Com_Etno/sessao02/02COM_Etno_0205-140.pdf. Acesso em 30 jun. 2022.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

CINQUENTENÁRIO DA BANDA TREML. Banda Treml. LP. São Paulo: RGE, 1962.

DANTAS, Danilo Fraga. MP3, a morte do álbum e o sonho de liberdade da canção? In: ENCONTRO DA ENLEPICC, V, 2005, Salvador. *Anais...* Salvador, 2005. p. 1-12. Disponível em <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/DaniloFragaDantas.pdf>. Acesso em 05 nov. 2021.

ÉCOS FESTIVOS. Krüger e Vogelsanger. LP. São Paulo: RGE, 1962.

FENDRICH, Henrique. *Excertos dos diários da Banda Treml (1954-1989), do músico Herbert Fendrich (1930-2007)*. 2021, 10 p. Não publicado.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. 188 p.

GARCIA, Tânia da Costa. *Do Folclore à Militância: a canção latino-americana no século XX*. São Paulo: Letra e Voz, 2021. 198p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p. 11 ed.

HENKELS, Henry. *História da Música em São Bento do Sul*. 2005. Disponível em: https://sites.google.com/site/hhenkels/hist%C3%B3ria_sbs/musica_sb1. Acesso em 13 jun. 2021.

HIGA, Evandro. “Mexicanizações” e “paraguáismos” na música caipira: A contraditória relação entre o arcaico e o moderno. In: VALENTE, Heloisa De A. Duarte; FARIAS, Raphael F. Lopes; PEREIRA, Simone Luci. *Uma Vereda Tropical...* A Presença da Canção Hispânica no Brasil. Letra e Voz: São Paulo, 2020.

KIEFER, Bruno. *Música e dança popular: sua influência na música erudita*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1979.

KRÜGER e seu Conjunto gravou seu primeiro LP. *A Notícia*, Joinville, 1970.

MASELLA LOPES, Paulo Roberto. *O processo explosivo do bandoneón na formação do tango*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 250-261, jun. 2015. Disponível em: [dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120221](https://doi.org/10.1590/1982-25542015120221). Acesso em 05 nov. 2021.

OLIVEIRA NETO, Wilson de. *A Banda Tremel: cem anos de música e história*. Joinville: Letra D'Água, 2013. 128p.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988. 222p.

PIEDADE, Acácio. *Música Yepamasa: Por uma antropologia da música no Alto Rio Negro*. 212 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77236>. Acesso em 30 jun. 2022.

RELEMBRANDO o Passado: Show Musical. *A Notícia*, Joinville, 11 ago. 1981.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã*. 189 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006af7.pdf>. Acesso em 01 jul. 2022.

SANTOS, Luana Zambiazzi dos. *A "Casa A Eléctrica" e as primeiras gravações fonográficas no sul do Brasil: um estudo etnomusicológico sobre a escuta e o fazer musical na modernidade*. 165 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28678>. Acesso em 01 jul. 2022.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. 103 p.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer...: as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. Tese (doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História., Universidade

Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 307 p., 2004. Disponível em:
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86986>. Acesso em 30 jun. 2022.

STAMBOROSKI JR., Amauri Antonio. *Música Popular Germânica no Sul do Brasil: um panorama histórico da “bandinha” ao “pop do sul”*. Funarte. Ministério da Cultura. São Paulo, 2011. Disponível em:
https://issuu.com/amaurigonzo/docs/m_sica_popular_germ_nica_no_sul_d. Acesso em 01 jul. 2022.

TOSTA DIAS, Márcia. *Os Donos Da Voz: Indústria Fonográfica no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2000.

VALIOSA contribuição da Banda Treml às festas aniversárias da cidade. *A Notícia*, Joinville, 26 set. 1962. Coluna de São Bento do Sul.

VELLOZO, Giovanni de Sousa. A banda vai ao disco: a inserção de dois grupos catarinenses no segmento fonográfico regional. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XXXI, João Pessoa, 2021. *Anais... ANPPOM*, 2021. Disponível em:
<https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/694/405>. Acesso em 05 set. 2022.

VOGELSANGER, Arinor. *À Sombra da Esplêndida Cordilheira: Trajetória da Família Vogelsanger*. Joinville: Letra D'Água, 2004.

VOLUME 1. Banda Treml. LP. São Paulo: RGE, 1962.

VOLUME 3. Banda Treml. LP. São Paulo: RGE, 1965.

VOLUME 4. Banda Treml. LP. São Paulo: RGE, 1966.

WERLING, Camila. *A música como representação dos movimentos germânicos e não-germânicos em Blumenau nas décadas de 1970 e 1980*. 167 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 2016. Disponível em:
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000015/000015e2.pdf>. Acesso em 01 jul. 2022.